

O COMEÇO DO CÉU

As **Guriatás** e as **Guaciras** tecelãs do tempo
Começaram sua viagem bem depois do infinito
Onde tudo era cinza ou claro, espaço oco sem bordas
Como uma bacia sem fundo, e sem beira.
Não havia começo, princípio meio ou fim

Os caminhos eram pontos de partida ao encontro de alguma coisa na vastidão do espaço
O vôo livre das tecelãs era um planar eterno
Sem farol de guia...

O trabalho estava apenas no começo
Não existia distância espaço ou tempo definido
Qualquer lugar era ponto de partida,
No entanto já existe o pulsar dos corações, resolutos na procura, o instinto das navegantes transformados em desejos sem limites impulsionava as tecelãs em direção ao espaço inexplorado e profundo as retas circulares, caminhos sem começo o tempo era tecido com grande velocidade e mesmo assim era devagar, tudo estava começando.

As viajantes, sabiam que alguém estava fazendo alguma coisa,Só não sabiam o que.!?!

O instinto feminino da criação é imbatível num lugar praticamente inabitável, alguma coisa, estava trabalhando.
Os caminhos tecidos no meio a vastidão, estavam sendo bordadas com fios luminosos como se fossem raios rápidos, o choque das agulhas, da bordadeira soltavam faíscas de luzes formando estrelas e constelações.

Estes acontecimentos estavam sendo gerados dali de um ponto bem no canto, exatamente de onde nada se supunha haver justo que tudo era quase nada, cinza, claro, escuro.

Ali, acolá, bem ali, um pouco distante, a ausência algo era, quase total.

Uma **Gwaimiri** estava flutuando logo atrás das tecelãs tecendo rendas com fios de luzes, formando estrelas-guias para os novos navegantes que virão do espaço sem fim. Com uma almofada de paciência a teia estendia-se em todas as direções e o infinito ficando mais iluminado com estrelas, de todos os tamanhos cores cada qual com seu brilho.

Alguns astros produto dessa criação brilhava tanto que seu brilho, parecia crianças brincando, a alegria emanada era tanta que as estrelas, estouravam em brilho –riso, formando nuvens de gases.

Este sêmen da criação solto no espaço formou os planetas conhecidos.

O terceiro, depois da estrela mais brilhante, nasceu de forma especial tem a fusão de todas as cores, e cada cor é só e única, o mesmo acontece com suas águas e árvores.

Seus habitantes criaram alguns líquidos e gases tornando a vida nas águas, nos ares e nas árvores, insuportável.

Com as águas e as árvores, os amantes formar outras formas, de vida, de luzes e cores. E sem elas?

O tempo estava sendo tecido por criatura incansáveis.
Do tempo em que se imagina onde era o começo de uma coisa que zabumbava como um coração nas rodas da dança, nas rodas das saias, as meninas em festas nas noites da Ingazeira

azabumba, azabumba, azabumba,
azabumba, viola, matraca, sanfona,
coração/pandeiro e tambor de criola.

A morte trai a vida do boi de cilada no matador,
O urro é do boi, a lança é do home de tocaia no matador
azabumba, azabumba, azabumba,
viola, matraca, sanfona, coração/pandeiro e tambor de criola.
Os olhos da gente,
Os olhos do boi, apavorados buscando esperança
Os olhos da gente, lançam luzes de medo, os olhos do boi,
Os olhos do boi, buscando esperança
Coração, navega sem sair do lugar,

Azabumba, azabumba, azabumba,
azabumba, viola, matraca, sanfona,
coração/pandeiro e tambor de criola.

a poeira subindo, bala de ponta fina, se passageira segue
enfrente s'paixonada fica quetinha, quentinha num peito tão
moço

As rodas das festa,
as rodas das saias das moças,
as estrelas brilhando lá em Guarabira.

Cavalo a galope, o rabo do boi na mão do vaqueiro
o medo nos olhos, nos olhos do boi, no matador
o medo nos olhos, nos olhos do povo no corredor
azabumba, azabumba, meu boi na rua
azabumba, azabumba, no pastoril
azabumba, azabumba, com boi na lua
azabumba, azabumba, São Jorge a galope
azabumba, azabumba, que o povo se livra desse moirão
Azabumba, azabumba, azabumba,
azabumba, viola, matraca, sanfona,
coração/pandeiro e tambor de criola.

Num canto da América latina, no nordeste setentrional,
na ponta do hemisfério sul.

Na beira do mar que de tão grande a vista não alcança o seu
fim.

Com certeza tem alguém olhando o vento alísio que vem dos
contra fortes.

Além do fim dos oceanos, onde tudo presumivelmente
começa.

Os bons combates dos ventos passam pelo rosto
Como se fosse uma almofada de algodão de Paineira
Um dos pensamentos mais profundos desta enigmática figura

Era eu sou eu e catolé é um coco de águas claras fechado em
si.

Com seus segredos, pendurado nas alturas do que agora é
coco, antes eram flores em cachos amarelos.

Nas alturas perto céu, que foi coco, que foi coqueiro, que deu flor, que virou coco, que virou coqueiro.

Ali no seu ponto de solidão, assistia a tudo sem nada falar, deslumbrando vendo o sol nascer iluminado os outros planetas, resultando de um choque de estrelas e seus gases
Na beira da praia de um ponto ali bem perto do alecrim
O sol brilha no firmamento como o farol de mãe Luiza

Um **Taiguara**, sopra através dos girassóis, flores de estrelas, clarões de luzes parecendo festa de fim de ano na Baía de Guanabara na direção via láctea, nebulosa branca tênué de contornos irregulares, que se observa nas noites calmas.
Para afastar com seu sopro um pouco mais para lá a nuvem de Magalhães, antes da explosão da próxima supernova.

Como um passageiro viajando numa órbita heliocêntrica
Dos seus olhos, saem linhas retas na curvatura do espaço
Procurando algo além do que pode ser atração gravitacional dos corpos.

De mera estrelas e suas dança em que cada acorde é fruto de uma emissão de energia, as danças dos astros e suas ritmos se compararam a uma orquestra harmonicamente nenhuma estrela é mais importante
do que as outras. Sol como uma lamparina funde hidrogênio em hélio e brilha num orgasmos de hermafrodita, iluminando o terreiro.

A velocidade da dança dos Quasares geram ventos cósmicos
Seus ciclos se harmonizam com os círculos solares e lunares.
Esta dança obedece a hierarquia do cosmo,
os astros com seus movimentos de rotação e translação,
não cabem na mão da **Gabriela**

CHICO CANINDÉ